



A ciência dos escritores

Por Luiz Costa Pereira Junior*

Revelação de que Machado de Assis antecipou a descrição de uma doença mostra a literatura tão inserida na cultura que prevê as descobertas mais sugestivas da ciência

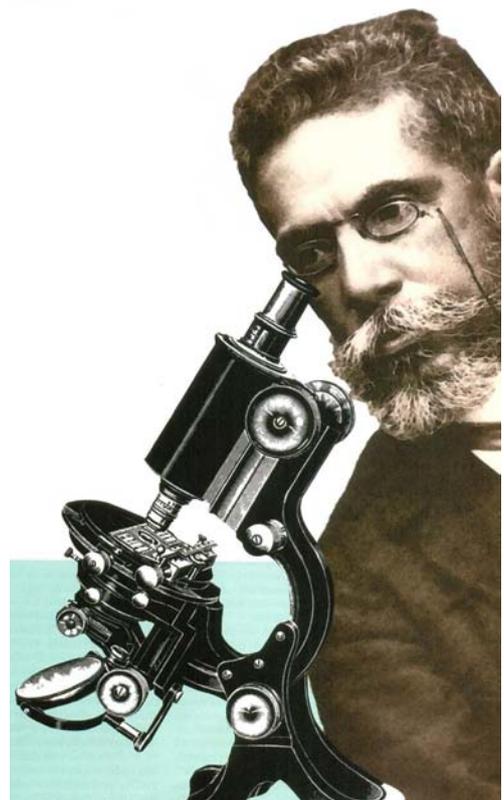
Machado de Assis (1839-1908) escreveu, ao longo da carreira, mais de duzentos contos na imprensa de sua época. Ao editá-los em livro, deixou muita coisa de fora. **O anjo Rafael**, publicado em 1869 no *Jornal das Famílias*, foi um desses casos e, só por isso, rumou sem escalas para o ralo dos textos machadianos apenas secundários.

Uma dezena de páginas menor que *O alienista* (o mais longo conto de Machado), inspirada no Velho Testamento (no “Livro de Tobias”, o anjo Rafael entra em contato com um Tobias apreensivo pela cegueira do próprio pai), a história saiu do limbo este ano, por causa da sagacidade de dois psiquiatras da Universidade de São Paulo.

Daniel Martins de Barros e Geraldo Busatto Filho publicaram na revista médica *British Journal of Psychiatry* que o conto de Machado antecipou em dezoito anos a descrição de um distúrbio psíquico, a “folie à deux” (loucura a dois). Descoberta pelos psiquiatras franceses Jean Pierre Falret e Ernest-Charles Lasègue em 1887, a psicopatologia leva parentes (ou gente muito próxima) de pessoas com sintomas psicóticos a sofrerem, por convivência, “contágio” do mesmo problema mental.

Machado é uma dessas antenas da raça a que se referida Ezra Pound, a ideia de que os

artistas estão em tal sintonia com a profundidade do mundo que são capazes de





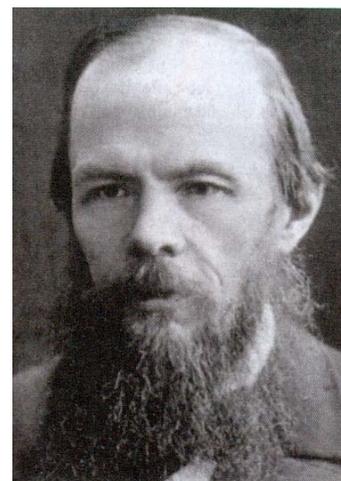
“prever o porvir”. Desiludido e endividado, doutor Antero quer se matar no início de **O anjo Rafael**. Bilhete de despedida pronto, tem a arma à mão quando batem à porta. O major Tomás lhe mandara um recado. Levado até ele, descobre tratar-se de um amigo de seu falecido pai, a quem fora prometido dar a Antero a mão de sua rica e reclusa herdeira, Celestina. A proposta o reanima, Antero se apaixona, mas logo percebe que seu anfitrião sofre da “monomania celestial” de acreditar ser o anjo Rafael. Para complicar, descobre que a própria Celestina acredita ser filha de anjo. Reviravoltas depois, o casamento se realiza e Celestina se muda de casa. Só depois disso, ela retoma a sanidade.

– O sintoma básico é a transmissão de uma crença delirante para uma pessoa saudável (que, por isso, se torna delirante): isso aparece nos diálogos em que Celestina defende a ideia de o pai ser um anjo; o quadro é reversível, o que também Machado antecipou, já que ela se cura com o afastamento do pai – diz Barros, que atua no Núcleo de Psiquiatria Forense, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, da USP.

Ficção não científica

O caso de Machado não é isolado. Escritores das mais diferentes estirpes, gêneros e nacionalidades rivalizam com seus colegas de ficção científica e fazem antecipações dignas de Júlio Verne (1828-1905). Não se trata de previsões futuristas, como as de Verne, ou a idealização de cenários imaginários ou distopias, como os de Arthur C. Clarke ou Aldous Huxley. Mas de criações que falam de conflitos concretos de personagens mundanos, imaginados por autores sem intenção deliberada de fazer “sci fi”.

Relatos realistas, fantasiosos ou alegóricos podem trazer surpresas aos cientistas de hoje. Ou o que dizer da primeira descrição de epilepsia do lobo temporal feita pelo romancista russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Em **O idiota**, de 1869, o escritor (ele mesmo vítima da doença) descreve com detalhes o estágio marcado pelo êxtase que antecede a crise epilética. Só em 1898 o inglês Hughlings Jackson associou ataques automáticos e amnésia com distúrbios na região temporal do cérebro humano.





Atribui-se a uma passagem de **As viagens de Gulliver** (1726), de Jonathan Swift (1667-1745), a primeira descrição da Doença de Alzheimer. Numa das ilhas que o protagonista visita há seres que não morrem. O que inicialmente o viajante toma por benção revela-se maldição: as pessoas seguem envelhecendo, perdendo funções, reduzindo a vitalidade, sem ter o alívio final da morte. A doença degenerativa seria descrita apenas em 1906, pelo psiquiatra alemão Alois Alzheimer.



– A descrição do envelhecimento feita pelo livro é característica de um quadro demencial.

A narrativa do início do processo, particularmente no que se refere às capacidades cognitivas, assemelha-se bastante à demência que anos mais tarde vitimaria o próprio Swift – conta Barros.

Luas de Marte

Fruto da imaginação vertiginosa de um autor satírico, **As viagens de Gulliver** seria responsável por outra previsão, desta vez astronômica: a da existência de duas luas em Marte. Décadas depois, o filósofo francês Voltaire (1694-1778) faria a mesma descrição, em seu *Micrômegas* (1752). Mas só em agosto de 1877 o astrônomo norte-americano Asaph Hall (1829-1907) revelaria ao mundo a descoberta de Deimos e Fobos, luas marcianas com nomes gregos que significam “terror” e “medo”. Hoje, uma cratera ao sul de Fobos tem o nome do astrônomo, enquanto dois platôs de Deimos levam os dos literatos que primeiro imaginaram as luas.

– Os escritores conseguem olhar o mundo e refleti-lo nas suas obras, e muitas vezes nesse processo, sem saber, transcrevem para o livro elementos que os olhos técnicos ainda não haviam captado – avalia Daniel Barros.



Charles Dickens (1812-1870) faz um dos personagens de **As aventuras do sr. Pickwick** ser marcado por sonolência diurna e obesidade. Na história, o comilão Joe Gorducho integra o grupo de quatro rapazes liderados pelo protagonista Samuel Pickwick, que se mete numa aventura por Londres em busca de descobertas científicas e humanas. Sua descrição é a definição integral do quadro clínico da apneia noturna (deixar de respirar durante o sono) por obesidade, associada à sonolência diurna, que só no



início do século XX viria a ganhar o nome de “síndrome de obesidade e hipoventilação alveolar”. Para os íntimos, “síndrome de Pickwick”.

O paralelo da doença com o romance de Dickens foi feito pela primeira vez por sir William Osler, em *The principles and practice of medicine* (1905). Mas só em 1956 a equipe de C. S. Burwell cacifou a descrição de Dickens como precisa o suficiente para reunir num só rótulo todos os sintomas da doença: não só os episódios de apneia durante o sono – o rubor facial de Joe Gorducho, por exemplo, “bate” com a politecmia provocada pela diminuição de oxigênio. Burwell foi quem popularizou o termo “pickwickiano” na medicina.

Síndromes

O nome mais conhecido de outra doença, também chamada de “síndrome de Todd”, rende tributo a **Alice no país das maravilhas**. A desordem neurológica afeta a percepção e é caracterizada por despersonalização e alucinações associadas a enxaquecas, tumores cerebrais ou uso de alucinógenos. A “síndrome de Alice” é doença rara e tributo aos relatos de Lewis Carroll (1832-1898).

O psiquiatra inglês John Todd, que batizou a síndrome em 1955, defendeu a homenagem ao autor de sua infância usando como evidência passagens de **Alice no país das maravilhas** (1865) e **Alice através dos espelhos** (1872). Há quem acredite que Carroll tinha familiaridade com o problema, que, na sua época, ainda não estava descrito pela medicina.

A proximidade com cientistas inspirou clássicos. A editora Hedra lançará este ano nova tradução, feita por Braulio Tavares, de ○

médico e o monstro, de Robert Louis Stevenson. Além da história de Jekyll e Hyde, a edição terá um ensaio do escritor e depoimentos de Fanny e Lloyd Osbourne (mulher e enteado do autor), mas a cereja no bolo são os textos que revelam a sintonia de Stevenson com a psiquiatria de seu tempo. Há uma carta dele a Frederick Myers (1843-1901), além de artigos científicos do próprio Myers (“A personalidade multiplex”) e do





colega Henry Maudsley (1835-1918, “As desintegrações do ego”), que trazem o debate que o livro materializou para a época.

Neurociência

Desde que Freud encontrou no **Édipo rei**, de Sófocles, um dos antecedentes da teoria psicanalítica, os estudiosos das relações entre a mente e o mundo parecem cada vez mais convencidos de que somos feitos de ciência e imaginação literária. Em *Proust foi um neurocientista* (Best Seller, 2010), o norte-americano Jonah Lehrer mostra verdades sobre a mente humana reveladas pelas artes que só agora a ciência está, como ele afirma, (re)descobrimo.

Foi assim que Walt Whitman (1819-1892) cravou que o corpo e a alma são inseparáveis – portanto, açoitar o corpo dos escravos negros, por exemplo, era castigar também sua alma, pois não temos um corpo, somos um corpo. O corpo e a alma estão fundidos, são nomes distintos da mesma coisa. Nossos sentimentos são corporais, nossos desejos são sábios, a experiência é confiável – pois o ser é um todo impossível de ser reduzido em duas partes.

“Vem, disse minha alma, / Tais versos para meu Corpo vamos escrever, (pois somos um só).”



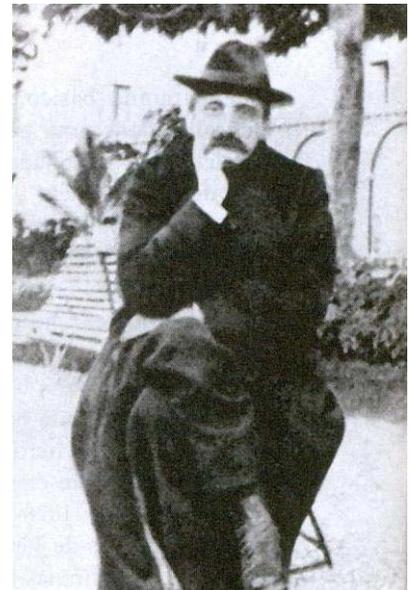
Esse é o modo como Whitman é visto por Lehrer, editor da revista *Wired* e do blog de neurociência da *Scientific American*. Seu argumento é que a neurociência só agora descobre a anatomia subjacente a primores literários, como a poesia de Whitman. Mostra que pesquisas como as de António Damásio sustentam a mesmíssima ideia de que nosso cérebro gera nossos sentimentos metafísicos a partir do corpo. “A moral dos versos de Whitman era que o corpo não era simplesmente um corpo”, escreve Lehrer. “Quando os materialistas de sua época anunciaram que o corpo nada era além de uma máquina desenvolvida – não havia alma alguma dentro – o poeta reagiu com ceticismo característico.”



Jogo da memória

Assim como Whitman antecipou Damásio nas relações entre mente e corpo, Marcel Proust (1871-1922) anteviu descobertas científicas sobre a memória, defende Lehrer. A memória não é um reservatório, constatou o escritor de **Em busca do tempo perdido**, obra publicada entre 1913 e 1927 em sete volumes. A mordida num biscoito madeleine e o aroma do chá catapultam o autor à infância, mas à infância degustada (afetada) por aquele chá. As lembranças se tornam mais e mais suspeitas à medida que o tempo avança. Assim que terminamos uma ação, começamos a distorcer a memória para encaixá-la em nossa narrativa pessoal. Buscar o tempo perdido é, portanto, impossível, pois não há armazém de recordações intactas.

Um conjunto de experiências realizadas com ratos, em 2000, na Universidade de Nova York, por Karim Nades, Glenn Shafe e Joseph LeDoux confirmaram a ideia proustiana de que o ato de lembrar também altera a pessoa. As experiências de laboratório evidenciaram que a memória é um processo contínuo, que nunca para de alterar as recordações, tal qual o protagonista do romance proustiano.



Simbiose

Lehrer mostra que certos autores não admitem como realidade o que a ciência objetiva – e tendem a preencher, por meio da imaginação, as possibilidades não realizadas. Mas é impossível, na mesma medida, compreender a arte deles sem levar em consideração suas relações com a ciência. As pesquisas neurocientíficas da primeira década do século XXI sobre o “eu” e a “consciência” estavam já contidas na obra de Virginia Woolf (1882-1941) e as conclusões da linguística de Noam Chomsky nos anos 1950 tiveram antecedente literário em Gertrude Stein (1874-1946), na primeira década do século XX. Como *Proust era um neurocientista* revela, ambas gostavam também de conhecer as pesquisas da mente realizadas pelos cientistas de sua época. Se Lehrer estiver certo, há uma simbiose entre a arte e a ciência. A literatura evidencia que a ciência não é a maneira exclusiva de acesso e representação da experiência. A ciência confirma suspeitas e certezas imaginárias. Talvez a atividade humana mais pura tenha sempre algo de outro campo. Ao explorar a própria experiência, diz Lehrer, os escritores expressam o que nenhum experimento capta e mantêm em suas linhas as revelações que tendem a guiar os diferentes rumos da ciência.



A lição de autores como Machado de Assis e Marcel Proust talvez seja apenas essa. As descobertas científicas confirmam hipóteses e derrubam outras suspeitas; as novas teorias emergem e somem, mas a sabedoria da arte resiste, guardada a sete chaves, preservada em quatro capas ou inscrita nas páginas do mais singelo e-book.

*Luiz Costa Pereira Junior é editor da revista Língua (editora Segmento), doutor em filosofia e educação pela Universidade de São Paulo e autor de A apuração da notícia (Vozes, 2006).

Fonte: PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. A ciência dos escritores. **Metáfora**: literatura e cultura, São Paulo, ano 1, n. 1, p.28-32, set. 2011.

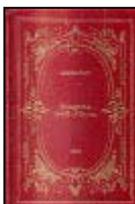
Livros citados no texto que fazem parte do acervo do Sistema de Bibliotecas



DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002. 688 p., il. (Leste).

Unidade: EM

Em "O idiota", Dostoiévski constrói um dos personagens mais impressionantes de toda a literatura mundial - o humanista e epilético príncipe Míchkin cuja compaixão sem limites vai se chocar com o desregramento mundano de Rogójin e a beleza enlouquecedora de Nastácia Filíppovna. Entre os três se agita uma galeria de personagens de extrema complexidade, impulsionados pelos sentimentos mais contraditórios - do amor desinteressado à canalhice despudorada.



SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. Traduzido por Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 275 p.

Unidades: EF 2 e 3 / EJA

Em "Viagens de Gulliver" (1726) Jonathan Swift (1667-1745) conta as fantásticas aventuras de Lemuel Gulliver, um cirurgião naval que faz as vezes de curioso, observador, repórter e, frequentemente, vítima das circunstâncias nas terras as mais estranhas. Em Liliput, Gulliver depara-se com minúsculas pessoas e vê a si mesmo



como um gigante. Em Brobdingnag, o contrário acontece: ele é um ser minúsculo perto dos nativos gigantes. A ilha de Laputa é o cenário da sua terceira viagem: os habitantes ocupam-se em complôs e conspirações enquanto o país esvai-se em ruínas. Finalmente, ele encontra os Houyhnhnms, cavalos que governam o próprio país, e também os yahoos, seres bestiais que lembram os humanos.

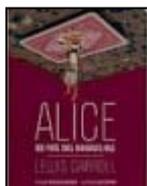
Com este romance, Jonathan Swift critica e satiriza não apenas a sociedade dos homens, mas a própria natureza humana. Razão pela qual é tão atual hoje quanto na época de seu lançamento.



DICKENS, Charles. **As aventuras do senhor Pickwick**. Traduzido por Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 596 p.

Unidades: EJA / EM

"As aventuras do Sr. Pickwick" apresenta, em ritmo picaresco, as peripécias das personagens chaplinianas de um certo Clube Pickwick, cujo objetivo é investigar a vida da capital inglesa - resultando uma sátira ao cientificismo do século XIX. Ao mesmo tempo, o primeiro romance de Charles Dickens é um retrato humorístico da sociedade de seu tempo, com aquela objetividade que só a ficção pode conquistar.



CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Traduzido por Nicolau Sevcenko. Ilustrado por Luiz Zerbini. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 168 p., il.

Unidades: EF 1 / EF 2 e 3 / EI / EJA / EM

Lewis Carroll (1832-1898) é um dos maiores criadores da história da literatura, e "Alice no País das Maravilhas" é a sua obra-prima e uma das mais célebres do gênero literário nonsense. O livro conta a história de uma menina chamada Alice que cai numa toca de coelho que a transporta para um lugar fantástico povoado por criaturas peculiares e antropomórficas, revelando uma lógica do absurdo, característica dos sonhos.



CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho**: e o que ela encontrou lá. Ilustrado por Helen Oxenbury. Traduzido por Marcos Maffei. São Paulo: Salamandra, 2010. 228 p., il.

Unidades: EF 1 / EF 2 e 3 / EJA / EM



Em "Alice através do espelho", Alice está brincando com a gata Dinah e seus filhotes na sala de estar e de repente, atravessa o espelho que fica sobre a lareira e chega a um mundo onde tudo está ao contrário, de pernas pro ar - flores falam, peças de xadrez andam e quanto mais você corre, mais você fica no mesmo lugar. Um mundo em que as coisas trocam de lugar da mesma forma que as linhas de um livro, quando observado aberto diante de um espelho.



STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Traduzido por Heloísa Jahn. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998. 96 p., il. (Eu leio).

Unidades: EF 1 / EF 2 e 3 / EJA

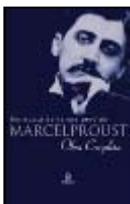
"O médico e o monstro", obra-prima do escritor Robert L. Stevenson, tornou-se famoso na época em que foi lançado, em 1886, por sua atmosfera sombria e seu clima de inequívoco terror e tensão. A trama é desenvolvida por diversas vozes narrativas, que transmitem ao leitor seus pontos de vista sobre a história do médico Dr. Jekyll, honesto e virtuoso, que tenta, em suas experiências científicas, dividir sua face boa e sua natureza má. É assim que nasce o pavoroso Mr. Hyde, materialização de suas inclinações perversas, através de uma fórmula química elaborada secretamente no laboratório do Dr. Jekyll, que procura manter sua criatura sob estrito controle. No início ele alcança seus intentos, mas aos poucos vai encontrando dificuldades para retomar sua personalidade primordial, discreta e circunspecta.



SÓFOCLES. **Édipo-rei**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 108 p., il. (Teatro vivo).

Unidades: EF 2 e 3 / EJA / EM

Um clássico da literatura ocidental, "Édipo rei" de Sófocles é considerada uma das mais perfeitas tragédias da Grécia Antiga. A obra traz em si uma história emblemática da condição humana, onde os deuses são o cerne da vida na Terra. Na obra, vemos Apolo, um dos deuses olímpicos, como único autor do destino do rei de Tebas, Édipo. A situação em que ele se encontra, seria o de ser filho de quem não deveria ter nascido, o marido de quem não devia ter desposado e o assassino de quem não devia ter matado. A estas tragédias, Édipo atribui responsabilidade a si próprio (ao mutilar os olhos) e ao mesmo tempo aos deuses.



PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Traduzido por Mário Quintana. Revisão de Olgaria C. F. Matos. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006. 7 v.

Unidades: Educador EF 2 e 3 / ISE

Nos sete romances que compõem o ciclo “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust, perpassa não somente a vida exterior, episódica e histórica de personagens e da própria França, com alguns ecos de fatos ocorridos na Europa e no mundo inteiro, mas, acima de tudo a vida interior, as sensações, paixões, sentimentos e emoções do Narrador e demais personagens, todos envolvidos numa atmosfera de análises psicológicas, minuciosas e implacáveis. Embora a realidade do ciclo de baseie na vida de Proust, sua transposição para o plano ficcional obedece a leis internas da narrativa e, sobretudo, à imaginação criadora do autor, afastando-se muito da realidade factual. Os principais temas do ciclo são o tempo e a memória.

Outras publicações de nosso acervo que anteciparam descobertas científicas



VERNE, Júlio. **Da terra à lua**. Traduzido por Maria Alice de Araripe Sampaio Dória. São Paulo: Melhoramentos, 2005. 126 p., il.

Unidade: EF 2 e 3

Na história bolada por Verne, três sujeitos se lançam à lua em uma espaçonave disparada por um canhão de 275 metros. Quase 100 anos antes de Yuri Gagarin se tornar o primeiro homem a sair da Terra, Verne se aproximou da realidade. O francês também acertou o número de tripulantes, previu a falta de peso no espaço, as dimensões da cabine e a base de lançamento - Flórida, pela proximidade do Equador, onde a Terra gira mais rápido. Finalmente, propôs que, na volta, a nave pousasse na água. Mas errou feio na maneira de pôr a nave em órbita, certo? Nem tanto: cientistas querem criar um canhão semelhante ao do livro para lançar cargas rumo à Estação Espacial Internacional.



CLARKE, Arthur C. **O martelo de Deus**. São Paulo: Siciliano, 1995. 201 p.

Unidade: EM

Com duas prósperas colônias na Lua e em Marte, a humanidade estende seus domínios. A tecnologia em constante evolução e as conquistas da genética trazem conforto e tranquilidade. Mas surge Kali - uma montanha de rocha e fuligem que risca o espaço tendo o planeta Terra como alvo. Em seu posto em órbita de Júpiter, o capitão Robert Singh se depara com o maior desafio que um homem já enfrentou: tentar salvar seu planeta natal da destruição.

Neste livro, Arthur C. Clarke nos levá a conhecer um futuro perturbador e vai apresentando ao leitor um mundo não apenas possível, mas provável, demonstrando um profundo conhecimento de seu tempo. Mais que um romance, "O martelo de Deus" é um aviso sobre o que o futuro nos reserva...



BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. Traduzido por Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2007. 216 p. (Aventura de ler).

Unidade: EM

Em sua obra mais popular, Bradbury imagina os EUA dos anos 90 como uma sociedade hedonista e anti-intelectual, onde os livros estão proibidos e são queimados se descobertos por bombeiros. Nesse mundo, todo trabalhador sonha em comprar sua "televisão de parede", uma sala com projeções 3D e um sistema de som multicanal, onde as pessoas se sentem imersas na transmissão de espetáculos musicais ou competições que testam seu conhecimento sobre cultura popular, e onde os atores de suas séries preferidas são chamados de família. Hoje, essa descrição parece apenas um pequeno exagero - inclusive, alguns diriam, no que trata da qualidade da programação e da relação das pessoas com personagens fictícios. Porém, quando Fahrenheit foi lançado, em 1953, a televisão colorida havia sido lançada nos EUA fazia apenas 3 anos e ainda era extremamente cara. Tecnologias como o laserdisc e sistemas de som multicanal, que iriam tornar possível os home theaters, só surgiram na década de 1980.



GIBSON, William. **Neuromancer**. Traduzido por Alex Antunes. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003. 304 p.

Unidade: EM

O "ciberespaço" descrito em *Neuromancer* lembra mais o mundo do filme *Matrix* - as pessoas se conectam fisicamente à rede de computadores, numa imersão completa - ser pego hackeando bancos de dados do governo e de empresas pode resultar em dor ou mesmo morte. Mas a visão de uma rede mundial de computadores e bancos de dados conectados entre si, à disposição de qualquer pessoa, era absolutamente inovadora em uma época onde computadores pessoais ainda eram um luxo. Ainda que o livro de Gibson não estivesse na cabeça de Tim-Berners Lee em 1989, quando este propôs a criação do serviço de hipertextos que viria a se tornar a web, a importância da obra na maneira como ela se desenvolveu é unânime. Quando a web começou a surgir, no início da década de 1990, as interações e oportunidades possibilitadas pelo "ciberespaço" de Gibson passaram a ser não só uma incrível previsão mas um objetivo a ser alcançado, servindo como plano de desenvolvimento para a tecnologia.



BORGES, Jorge Luis. O jardim das veredas que se bifurcam. In: ____ **Ficções**. Traduzido por Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 169 p.

Unidades: Educador EF 2 e 3 / EM / ISE

No conto "O jardim das veredas que se bifurcam" Jorge Luis Borges antecipa, não só conceitualmente, mas também na própria escolha de palavras, a elaboração da teoria dos muitos mundos da mecânica quântica, proposta mais de uma década após a composição da peça ficcional.



HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Traduzido por Lino Vallandro, Vidal Serrano. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004. 320 p. (Aventura de ler).

Unidades: Educador EF 2 e 3 / EF 2 e 3 / EM

Escrito em 1932, este livro é uma antevisão de um futuro no qual o domínio quase integral das técnicas e do saber científico produz uma sociedade totalitária e



desumanizada. Esta ficção científica surpreende pela clareza do texto, pela lucidez do autor e pela atualidade das questões levantadas.



LOBATO, Monteiro. **O presidente negro**. São Paulo: Globo, 2008. 206 p.

Unidade: Educador EF 2 e 3

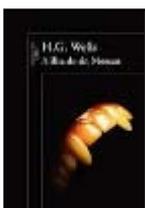
"O presidente negro", publicado em 1926, é o único romance adulto de Monteiro Lobato. Embora ainda não tivesse pisado em terras norte-americanas quando escreveu esse livro, Lobato ambienta sua história futurista nas terras de Henry Ford, que tanto admirava. A obra aborda temas como a segregação entre brancos e negros, aculturação, feminismo e ainda profetiza o surgimento de uma rede pela qual as pessoas se comunicariam e trabalhariam à distância. Através das lentes do 'porviroscópio', aparelho capaz de prever o futuro, Lobato leva os leitores para 2228, ano em que o personagem Jim Roy concorre à presidência dos Estados Unidos.



VERNE, Júlio. **20 mil léguas submarinas**. Apresentação de Rodrigo Lacerda. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 456 p., il.

Unidades: EF 1 / EF 2 e 3 / EJA / ISE

O clássico "Vinte mil léguas submarinas" é um dos livros mais conhecidos de Júlio Verne, lançado em 1870. Nele o autor exercita sua incrível imaginação, ao conceber, na metade do século XIX, um submarino tão avançado quanto o Náutilus, totalmente independente da jurisdição e dos recursos terrestres, impulsionado pela eletricidade. Seu comandante, o Capitão Nemo, se julga um incompreendido, daí ter escolhido se retrair em um mundo só seu, abaixo do mar, longe de tudo e de todos. Para esse fim ele concebe sua brilhante obra de engenharia, a qual só depende dos meios oferecidos pelo ambiente marítimo para sobreviver.



WELLS, H. G. **A ilha do dr. Moreau**. Traduzido por Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012. 172 p.

Unidade: Educador EF 2 e 3



Em 1887, o navio Lady Vain naufraga no Pacífico. À deriva e sem esperanças de sobreviver em alto mar, Charles Prendick é resgatado por um navio chefiado pelo doutor Montgomery em uma missão no mínimo incomum: levar algumas espécies de animais selvagens a uma pequena ilha do Pacífico. Prendick é obrigado a desembarcar na ilha junto com o carregamento. Lá, ele conhece a estranha figura do dr. Moreau, um cientista que, exilado por suas pesquisas controversas na Inglaterra, realiza experimentos macabros com seus animais.

Publicado originalmente em 1896, "A ilha do dr. Moreau" é uma parábola sobre a manipulação biológica, além de mordaz sátira social.

setembro de 2013

Agradecemos as doações recebidas entre junho e setembro à:

Claudia Cavalcanti
Dóris Siqueira Tavares
Francisca Glaucione R. Teixeira
Josca Baroukh
Katia Frazão
Márcia Lopez
Editora 34